

**A “POESIA RETÓRICA” E A
“RETÓRICA POÉTICA” EM
ARISTÓTELES: OBSERVAÇÕES
SOBRE O RECURSO DA
METÁFORA NA TEORIA
ARISTOTÉLICA DA
PERSUASÃO**

*RHETORICAL POETRY AND
POETIC RHETORIC: REMARKS
ON THE USE OF METAPHOR
IN ARISTOTLE’S THEORY OF
PERSUASION*

**Talita Janine Juliani
(UFLA)¹
Matheus De Pietro
(Unicamp)²**

¹ Talita Janine Juliani é doutora pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, Campinas – SP, Brasil) e Professora Adjunta do Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), 37200-000, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

² Matheus De Pietro é pós-doutor pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, Campinas – SP, Brasil) e pesquisador filiado ao Centro de Teoria da Filologia com sede na mesma universidade.

RESUMO: Neste estudo procuramos refletir, em caráter introdutório, de que maneira recursos poéticos se entrecruzam com recursos retóricos e, dessa maneira, não se mostrariam excludentes. Para tanto, adotamos como *corpus* excertos dos volumes aristotélicos *Poética* e *Retórica*, procurando neles observar o tratamento dado pelo filósofo à silogística retórica, ao uso de exemplos, e ao emprego e função da metáfora em um discurso que tenha a persuasão como objetivo. Nossa investigação se ocupa, portanto, com a busca por elementos que evidenciem uma possível intersecção entre modos poéticos e retóricos de discurso, segundo Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.).

PALAVRAS-CHAVE: Poética; Retórica; Metáfora; Persuasão; Aristóteles.

ABSTRACT: In this paper we give consideration, albeit in an introductory manner, to the extent in which poetic devices intertwine with rhetorical devices and, by doing so, do not present themselves as necessarily excluding means of persuasion. To that purpose, we adopt as *corpus* selected excerpts of Aristotle's *On Poetics* and *On Rhetoric*, looking closer at the treatment the philosopher gives to rhetorical syllogism, to the use of examples, and to the application of metaphors in discourses that have persuasion as their aim. Our investigation, therefore, attempts to point out features that could highlight possible intersections between poetic and rhetorical elements of speech, according to Aristotle of Stagira (384-322 BCE).

KEYWORDS: Poetics; Rhetoric; Metaphor; Persuasion; Aristotle

Introdução

No presente artigo examinamos passagens selecionadas da *Retórica* (*Rhetorica*³) e da *Poética* (*Poetica*) de Aristóteles (384 – 322 a.C), com o intuito de refletir sobre as seguintes questões: é possível atribuir à poesia uma função argumentativa? De que modo a poesia

argumentaria? Em outras palavras, procuraremos aqui avaliar, ainda que em caráter introdutório e em escopo limitado a passagens específicas (em especial a *Rb.* 3, 10-11 e *Po.* 21-22⁴), de que maneira recursos poéticos se entrecruzam com recursos retóricos, e como, dessa maneira, não se mostrariam excludentes.

Para tanto, buscaremos investigar o conceito de “metáfora” apresentado pelo filósofo grego nas obras acima referidas, procurando compreender como essa figura de linguagem – elemento compartilhado tanto pela *Retórica* quanto pela *Poética* – argumenta, porém trazendo ao texto mais do que, unicamente, a finalidade da persuasão.

Sendo assim, em um primeiro momento de nosso estudo, analisaremos as passagens que aqui são nosso objeto de apreciação concentrando-nos, sobretudo, no conceito de entimema (como podemos observar com mais detalhes logo no primeiro livro da *Retórica*, mais precisamente em 1354a), e, em sequência, no da já mencionada metáfora (assim como ela se vê descrita na *Poética*, a partir de 1457b, e em excertos do terceiro livro da *Retórica*). Dessa forma, pretendemos examinar, ainda que de modo breve, possíveis relações estabelecidas entre esses dois recursos discursivos, bem como implicações do uso da metáfora no discurso persuasivo segundo Aristóteles.

1. Primeiras observações sobre o *corpus* aristotélico

1.1. A *Retórica* de Aristóteles

Sucintamente, sabe-se que a retórica sempre teve um lugar reservado dentre os estudos ocidentais, e, de maneira geral, sabe-se também que ela sempre discorreu sobre a persuasão, isto é: o convencimento do ouvinte por meio do discurso⁵. Segundo Barthes (1975), muitas foram as retóricas de nossa história: elas remontam

sua mais distante origem no século V a.C., tendo sido matéria dos gregos Platão (427 *c.* – 347 *c.* a.C.) e Aristóteles, por exemplo, e também dos romanos Cícero (106 - 43 a.C.) e Quintiliano (35 - 95 d.C.), bem como de Agostinho de Hipona (354 - 430 d.C.) e de autores modernos, como Perelman (1958), além de ser importante elemento de currículos escolares da Idade Média.⁶

A *Retórica* de Aristóteles (publicada entre 335 e 323 a.C.), em particular, goza de expressivo reconhecimento entre diferentes estudiosos de todas as épocas do pensamento europeu desde a sua criação⁷. Composta por três livros, trata-se de um escrito *esotérico*⁸ do cidadão de Estagira, utilizado, inicialmente, para guiar cursos abertos ministrados no Liceu Ateniense entre os anos de 335 e 323 a.C.⁹, e cujo desenvolvimento discorre sobre a arte de observar tudo aquilo que é apto e favorável ao alcance da persuasão:

Defina-se a retórica como uma faculdade de, em cada caso <individual>, observar os meios de persuasão de que se tem à mão.¹⁰ (*Rh.* I, 2, 1355b26-27; tradução baseada na versão inglesa de KENNEDY).

Por “arte”, entendamos aqui o agrupamento sistemático de conhecimentos e regras tendo em vista um fim específico, conforme definição já encontrada no período antigo para o conceito grego *technē*¹¹.

Em linhas gerais, averiguamos que, para o filósofo grego, é pela manipulação do discurso¹², e, conseqüentemente, também da linguagem, que se perpetra a persuasão. Dentre outros elementos que tornariam a persuasão mais eficaz¹³ estão, de fato, a construção de um *ethos* do orador¹⁴ e a condução do sentimento do auditório (*pathos*¹⁵), mas é justamente a demonstração por meio das palavras – que por sua vez se dá através de “entimemas” (silogismos retóricos¹⁶) e “exemplos” – que representaria a substância da persuasão em si: não há modo de convencer por outro meio que não seja a demonstração silogística, “entimemática”, ou pelo exemplo. Vejamos:

aparência de uma demonstração, na dialética há, de um lado, a indução e, de outro, o silogismo e o silogismo aparente. O mesmo ocorre na retórica, visto que o exemplo é uma indução, e o entimema é um silogismo. Nomeio, pois, os silogismos retóricos de “entimemas”, e as induções retóricas de “exemplos”. **Todos os indivíduos que evocam persuasão o fazem por meio do emprego de exemplos e entimemas, e por nenhum outro recurso além destes.**¹⁷ (*Rh.* I, 2, 1356a34-1356b7, grifos nossos; tradução baseada na edição inglesa de KENNEDY).

O silogismo (do grego *sylogismos*, ou “junção de *logoi*”), de que se ocupa a dialética – considerada pelo próprio Aristóteles a contraparte¹⁸ da retórica –, pode ser definido como um raciocínio dedutivo que conecta duas proposições a uma terceira¹⁹, formando uma estrutura argumentativa (composta por duas premissas e uma conclusão a elas conectada através de um termo médio²⁰), conforme descreve o estagirita no excerto abaixo, porém lançando mão de outros termos:

Qual seja a diferença entre um exemplo e um entimema está patente nos *Tópicos*, em uma descrição prévia acerca dos silogismos e entimemas. Demonstrar algo a partir de instâncias semelhantes é chamado de “indução” na dialética e “exemplo” na retórica. Porém demonstrar que certas proposições são verdadeiras e que uma terceira proposição é, por conta disso, também verdadeira (ou em absoluto, ou em parte), é chamado de “silogismo” na dialética e de “entimema” na retórica²¹. (*Rh.* I, 2, 1356b10-17; tradução baseada na edição inglesa de KENNEDY).

Sem adentrarmos profundamente no mérito da discussão acerca da taxonomia do silogismo, da dialética e do exemplo, e nos apropriando apenas do que é concernente aos estudos da retórica, podemos observar que é por meio da demonstração e do entimema que o orador induz o ouvinte ao convencimento.

Já que é evidente que o método artístico se ocupa dos modos de persuasão, que a persuasão é um tipo de demonstração (pois acreditamos mais firmemente naquilo que é demonstrado), que a demonstração retórica é chamada de “entimema”, e que o entimema um tipo de silogismo, <concluimos>: visto que a função da dialética, em geral ou em parte, é tomar os silogismos com igual consideração, também é evidente que o indivíduo que for mais hábil na análise da forma e conteúdo dos silogismos será mais eficaz em uma argumentação retórica²². (*Rh.* I, 1, 1355a3-8; tradução baseada na edição inglesa de KENNEDY).

O entimema, considerado um “silogismo retórico”, como já dito, promove uma demonstração por meio de proposições que, quando arranjadas segundo regras específicas, produzem uma conclusão: ele trabalha com premissas que partem do geral ao particular, ou, em sentido inverso, do particular ao geral, para que se chegue a uma inferência que serve como desfecho do raciocínio. Há de se dizer, entretanto, que é característico do entimema, em oposição ao silogismo, conter premissas implícitas quando estas são consabidas, dizem respeito àquilo que é humano e, portanto, são compartilhadas por muitos²³: não haveria, então, necessidade de enunciá-las.

É possível formar silogismos e chegar a conclusões indutivas ou por meio de argumentos prévios, ou por proposições que não são argumentadas, mas que requerem um silogismo <para serem aceitas> porque não são convencionais. Silogismos, contudo, são necessariamente difíceis de seguir por conta de sua extensão, e conclusões indutivas não são suficientemente persuasivas porque suas premissas não são acordadas por todos e tampouco partem da convenção. Por esses motivos é necessário que o entimema e o exemplo se ocupem daquilo que, de modo geral, pode ser algo diferente daquilo que é: o exemplo é um tipo de indução, e **o entimema é um tipo de silogismo que se vale de poucas premissas (e de menos do que o silogismo primário), pois, se uma dessas <premissas> já é conhecida, não é necessário anunciá-la, visto que o ouvinte a suplementará por si mesmo**. Por exemplo: Para <se demonstrar> que Dorieu venceu uma competição que concede uma coroa como prêmio, é suficiente dizer que ele venceu a Olimpíada, e não

é necessário acrescentar que a olimpíada outorga coroas aos vencedores, pois todos já conhecem esse fato²⁴. (*Rh.* I, 2, 1357a13-20; grifos nossos; tradução baseada na edição inglesa de KENNEDY).

Colocadas essas breves considerações sobre a natureza da demonstração entimemática, passemos agora à investigação do modo como se relacionam o entimema e a metáfora. Para a observação dessa figura de linguagem nos adiantaremos, então, até o terceiro livro da *Retórica*, e nos deteremos mais precisamente nos capítulos 10 a 12, visto que são nesses excertos, e, mais especificamente nesse livro, que Aristóteles discorre mais diretamente sobre a linguagem e sobre o estilo que devem ser buscados pelo orador²⁵.

É sabido, por intermédio do texto aristotélico, que o entimema pode envolver uma transposição de sentido, uma analogia, elementos que fazem parte, por sua vez, do conceito metafórico:

[...] <Sc. entimemas são agradáveis> também devido às palavras, no caso de conterem uma metáfora, e, além disso, uma metáfora que não seja incomum – pois seria difícil de se perceber –, ou superficial – pois não produziria uma experiência. Ademais, o efeito é obtido ao se “trazer frente aos olhos”, posto que as coisas devem ser observadas sendo feitas, e não em vias de serem feitas.²⁶ (*Rh.* III, 10, 1410b31-35).

Se presente na demonstração retórica, a metáfora pode gerar satisfação na apreensão da mensagem à medida que produz conhecimento, como pudemos averiguar no excerto acima. A transposição de significado entre as palavras foge à obviedade e permite ao ouvinte decodificar a mensagem entre as associações por meio da lógica se estas não causarem confusão e, assim, não dificultarem a aprendizagem:

Aprender sem dificuldade é naturalmente prazeroso a todas as pessoas. Além disso, as palavras detêm significados. Por conta disso,

quaisquer palavras que produzam conhecimento em nós serão prazerosas. Vocábulo incomuns (*glóttai*) não são inteligíveis; por outro lado, conhecemos as palavras comuns (*kyria*)²⁷ por sentido mais comum. A metáfora é o que mais facilita o aprendizado, pois quando ele <sc. Homero> chama alguém a velhice de “bagaço”, ele está criando entendimento e conhecimento por meio do gênero, já que “velhice” e “bagaço” são <espécie do gênero de> coisas que perderam um viço anterior.²⁸ (*Rb.* III, 10, 1410b9-15; grifos nossos; tradução baseada na edição inglesa de KENNEDY).

Tendo em vista tais observações, pode-se dizer que a metáfora (respeitadas as recomendações do filósofo grego quanto à afetação e ao que é artificial) pode efetivamente integrar o entimema, e, por conseguinte, também a argumentação, ao passo que seu emprego proporciona uma persuasão que produzirá maior agradabilidade no ouvinte.

Portanto, quando seguimos o exemplo de Aristóteles e citamos Péricles, ao dizer que o desaparecimento dos jovens da pátria, por haverem perecido na guerra, era “como se a primavera houvesse sido subtraída do ano” (*Rb.* 3, 10, 1411a), observamos os seguintes movimentos retóricos: a) argumenta-se que o desaparecimento e a morte de jovens gregos na guerra teria sido uma grande perda; b) ressalta-se a gravidade dessa perda por meio do estabelecimento de um vínculo entre os termos “jovem” e “primavera” (isto é, aqueles que estão “na flor da idade” são comparados à estação mais florida do ano, em que tudo desabrocha cheio de energia); e, por fim, c) nota-se também que a argumentação conduzida por meio da transferência de significados, gerada pela associação dos termos “jovem” a “primavera”, produz no leitor o efeito transmissão de conhecimento²⁹.

1.2. A *Poética* de Aristóteles

Ponderados alguns elementos da *Retórica* mais diretamente associáveis ao tema em questão, é necessário, nesse momento,

fazermos apontamentos acerca da *Poética* aristotélica a fim de prosseguirmos com nossas considerações. É justamente no trabalho com o discurso e com a palavra – os quais vínhamos explorando, ainda que de maneira preambular, até aqui – que a *Poética* e a *Retórica* se encontram, mesmo que se tratem, para Aristóteles, de artes diversas, com finalidades diferentes, como veremos adiante com mais detalhes.

A publicação da *Poética* aristotélica também é colocada entre o período constituído pelos anos 335-323 a.C. (e por isso também redigida enquanto Aristóteles ministrava no Liceu Ateniense), e se compõe por um único livro, embora tenha chegado até nós incompleta. Assim como a *Retórica* do filósofo grego, a *Poética* também exerceu grande influência em períodos posteriores, especialmente no que diz respeito a estudos da literatura a partir do final do século XV, época em que teria sido publicada a primeira tradução dessa obra para o latim (mais precisamente, no ano de 1498³⁰).

De acordo com Halliwell (1995), tradutor da obra para o inglês moderno, sua maior contribuição advém do fato de que a *Poética* é um dos primeiros textos que discorrem sobre a poesia como uma arte, entendendo tal termo - novamente - como um sistema de regras que regem uma prática³¹:

It is, in the first place, the earliest surviving work to be exclusively concerned with the discussion and analysis of poetry as an art, and this fact has turned it into a document standing apparently near the very beginning of, and effectively inaugurating, an entire tradition of literary theory and criticism. (HALLIWELL, 1995, p. 3).

Ao longo da obra, Aristóteles se concentra na discussão da tragédia e da poesia épica. Segundo Barnes (1995, p.273), há especulações sobre o fato de o filósofo haver escrito um segundo livro que explorasse ainda o gênero cômico, considerando-se que

alguns excertos de tal texto teriam sobrevivido em obras e comentários posteriores³². Até o presente momento não se pôde, porém, determinar se as passagens encontradas seriam realmente de Aristóteles³³.

Da rica didascália com que Aristóteles nos presenteia em sua *Poética* - suas considerações sobre a lírica, épica e seu vasto detalhamento do gênero trágico -, é somente nos capítulos XXI e XXII que o estagirita nos apresenta o conceito metafórico:

Metáfora é o movimento de uma palavra alheia ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie para a espécie, por analogia [...]. Denomino “analogia” quando o segundo elemento está relacionado ao primeiro e quando o quarto está relacionado ao terceiro; pois <um poeta> enunciará o quarto no lugar do segundo ou o segundo em lugar do quarto. E, às vezes, eles acrescentam algo a que <o termo> está associado, em vez daquilo a que ele se refere. Quero dizer, por exemplo, a taça está associada a Dionísio tal como o escudo está associado a Ares.³⁴ (*Pa.* 1457b6-8; 16-18; tradução baseada na edição inglesa de KENNEDY).

Talvez porque na *Retórica* o filósofo nos conceda breves observações sobre a metáfora voltada à persuasão (integrada à demonstração por meio de entimemas), é na *Poética*, por sua vez, que essa figura de linguagem parece se mostrar mais claramente apresentada por Aristóteles, como a passagem acima sugere: aqui observamos esse recurso discursivo com maior detalhamento por parte do autor, explicitado como transferência do nome de gênero para espécie, ou vice-versa, e também como analogia. Chama-nos atenção agora outro aspecto da metáfora, um traço que já foi por nós brevemente abordado em nossas considerações sobre a *Retórica*³⁵: a relação entre essa figura de linguagem e o “trabalho” com as palavras, a transferência de sentidos e a sua contribuição à aquisição de conhecimento por parte do leitor, bem como a fluidez e elegância que dela podem advir quando utilizada no discurso persuasivo. Sobre esse ponto, Aristóteles ressalta:



A virtude da linguagem consiste em ser clara sem ser vulgar. A mais clara é aquela constituída por vocábulos comuns, porém ela é vulgar. Um exemplo disso é a poesia de Cleofonte e a de Estênelo. Aquela que se vale de termos incomuns é distinta e se coloca além do âmbito convencional. Por “incomum” (*xenikón*) quero dizer palavras raras, metáforas, alongamentos, e qualquer recurso fora do uso convencional.³⁶. (*Po.* XXII, 1458a18-23; tradução baseada na edição inglesa de KENNEDY).

A adesão do poeta a uma palavra rara ou a um termo resignificado pela metáfora, em oposição à escolha de uma expressão recorrente, é o que separa o seu discurso daquilo que é considerado vulgar (no que diz respeito à linguagem) e do que eleva, portanto, sua produção poética. Sendo assim, parece que poderíamos, nesse momento, estender os apontamentos de Aristóteles dedicados à arte que “se utiliza apenas de palavras” (*Po.* I) também à arte “de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão” (*Rh.* I, 2, 1355b), isso porque, ao menos no que interessa ao uso da metáfora, sua função de tornar o discurso mais elevado e agradável aparenta ser a mesma.

2. Elementos “poéticos” da *Retórica* e elementos “retóricos” da *Poética*

A observação de uma “poeticidade” concernente à retórica nos pareceu mais clara diante das observações propostas por nosso estudo. Isso se deu porque o texto de Aristóteles evidencia que a ferramenta da persuasão – isto é, o entimema –, se mostra mais satisfatória ao ouvinte quando, utilizando-se da metáfora, produz conhecimento à medida que argumenta por meio de resignificação.

Quem nos recorda do caráter “satisfatório” que o entimema, peça chave da persuasão aristotélica, pode revelar em si é, mais uma vez, Roland Barthes, em seu texto “A Retórica Antiga”, de 1975. Não

tão apegado à ideia da elegância do silogismo retórico que este passa a ter acrescido da metáfora, o filósofo francês nos adverte acerca do prazer que surge simplesmente a partir do desvendamento lógico a que se chega com o entimema. Tal caracterização nos pareceu particularmente relevante, aqui, para frisarmos que, em nosso ponto de vista, a decodificação é tanto mais profícua, nesse caso, quanto maior o conhecimento produzido por intermédios de palavras raras e metáforas, em oposição às “vulgares”. Em suas palavras:

Já que o silogismo retórico é feito para o público (e não sob o controle direto da ciência), as considerações psicológicas são pertinentes e Aristóteles insiste nisso. O entimema proporciona os encantos de uma caminhada, de uma viagem. Parte-se de um ponto que não necessita de prova e daí para outro que a exija. [...] O entimema não é um silogismo truncado por carência, degradação, mas porque se deve proporcionar ao ouvinte a satisfação de fazer tudo na construção do argumento: é um pouco o prazer que existe em completar sozinho os quadrículos de certos jogos (criptogramas, palavras cruzadas). (BARTHES, 1975, pp.190-191).

A despeito da associação que viemos tentando traçar entre o uso da linguagem “surpreendente” (como elucidada na *Poética* aristotélica), e a finalidade persuasiva de um entimema, o mesmo estudo de Roland Barthes (1975, p.155) assinala que tanto a *Retórica* (*technē rhētorikē*) como a *Poética* (*technē poiētikē*)³⁷ representariam, para o próprio Aristóteles, fundamentos discursivos autônomos, e a oposição desses dois sistemas demarcaria o pensamento retórico aristotélico. Tal distinção, ainda na esteira de Barthes (1975), perdurará justamente até o momento em que ambas as *technai* se “mesclarem”, fato que se dará, aproximadamente, no período augustano de Roma:

Todos os autores que reconhecem semelhante oposição poderão enquadrar-se na retórica aristotélica; esta cessará, quando a oposição for

neutralizada e a retórica e poética se fundirem, isto é, no momento em que a retórica se transformar em uma *techne* poética (de “criação”). Tal sucede aproximativamente na época de Augusto (com Ovídio, Horácio), e pouco depois (com Plutarco, Tácito) – se bem que Quintiliano ainda pratique uma retórica aristotélica. (BARTHES, 1975, p.155).

Ora, se para Aristóteles a *Poética* e a *Retórica* constituem artes diferentes, talvez fosse inadvertido procurarmos discorrer sobre elementos de uma poética aristotélica que se configurasse “retórica” para além das considerações que aqui esboçamos sobre o modo como a metáfora e o uso de linguagem que foge da vulgaridade influiriam na persuasão do ouvinte, e, por extensão, na argumentação em si. Parece-nos que parte do nosso objeto de estudo, nesse sentido, nos foge, haja vista a disparidade estabelecida pelo próprio filósofo estarigita entre o que é poético e o que é retórico.

Segundo pudemos observar, quando pensamos, então, em uma poética e em uma arte retórica que se fundem como que em um novo fazer literário ou discursivo³⁸, permitindo também à poesia argumentar logicamente, tratamos, portanto, de um momento posterior às obras aristotélicas que aqui vínhamos investigando, fato já lembrado por Barthes, no excerto transcrito acima.

Em um estudo posterior à exposição de Barthes, Jaqueline Dangel (1999) irá confrontar as funções de retórica e de poesia especificamente na Roma antiga, porém seus apontamentos nos servirão para a reflexão que aqui nos dispusemos a desenvolver. De modo geral, no que concerne à finalidade da retórica até o período otaviano, Dangel retoma (resgatando alguns elementos já discutidos por Aristóteles) a caracterização dos estudos retóricos como até então aqui o descrevemos (“a arte de observar o que é melhor à persuasão”):

Ainsi de nature agonistique, la parole rhétorique suppose des actes de langage ressortissant aux notions de jeu et de contrat. Elle est en effet,

selon les situations, énonciation d'un sens conforme à un état des choses ou conformé à une vision du monde. Dans le premier cas, elle repose sur une constatation commune que partagent l'orateur et l'auditeur; dans le second cas, elle agit sur l'auditeur par une perception singulière qui est propre à modifier sa pensée et son comportement. (DANGEL, 1999, p.185).

Na sequência, contudo, Dangel nos apresentará uma reflexão importante sobre o momento em que a retórica se encontraria com a poesia na Roma de Augusto, o que reforça nossas impressões sobre a relevância do trabalho do orador e do poeta com a palavra:

Il ressort de l'ensemble de ces données que la parole rhétorique proprement dite ou *elocutio*, relève, en plus du bon usage, de la langue et d'un argumentaire rationnel autant que de la création d'affects. Aussi la linguistique est-elle au service d'une stylistique des intentions et des effets. **En effet, parce qu'il existe une rectitude d'emploi du langage qui fait sentir tout déplacement d'une signification comme un facteur d'étonnement, porteur d'effet spécial et propre à retenir l'attention, le langage figuratif des tropes et des figures est capable de déplacer le sens des mots et des constructions pour en renouveler la signification.** (DANGEL, 1999, pp. 186-7, grifos nossos).

Se havia uma “retidão” languageira, racional, a palavra ou expressão que desloca significado provoca surpresa justamente por não ocupar a significação esperada, aspecto já assinalado pelo próprio Aristóteles tanto na *Poética* como na *Retórica*, e que aqui foi retomado por Dangel. Sendo assim, é nesse momento em que a retórica – no sentido do que diz respeito ao que é disposto para alcançar a persuasão – se embriaga da poética, por meio da metáfora, e então argumenta atribuindo novos sentidos às palavras (e consequentemente valorizando seu argumento com linguagem “trabalhada”).

Entretanto, ao longo de seu estudo, a pesquisadora aparenta sugerir que tal faceta “poética” da retórica passa a se inverter permitindo à poesia - através da metáfora, da organização métrica, e até mesmo da posição de períodos, por exemplo - argumentar. Ora, se se argumenta por meio de termos “raros” e metáforas, expressões que elevam a elegância da demonstração retórica ao nível do agradável já que este produz conhecimento, por que não poderíamos dizer, em sentido contrário, então, que essa mesma resignificação permite argumentar e, conseqüentemente, persuadir? Dangel demonstrará o modo como o trabalho com a linguagem pode produzir argumentação nos textos poéticos de romanos tais quais o comediógrafo Plauto (230-180 a.C.) e o poeta Virgílio (70 – 19 a.C.).

Parece-nos, então, que a partir daqui a discussão por nós proposta tangencia os estudos sobre a fusão entre um manual de persuasão e uma arte poética aristotélicos para, futuramente, passar a discutir-se a expressão literária como uma concepção muito mais ampla, que veio a englobar tanto a retórica quanto a poesia. Um tal empreendimento demandaria investigações muito mais extensivas do que aquela que propomos aqui, e necessariamente exigiria que se levasse em consideração outras maneiras de se teorizar sobre a retórica, bem como outras poéticas e as histórias dessas retóricas e poéticas – que não apenas aquelas derivadas de Aristóteles. Nosso estudo, mais especificamente voltado ao emprego e função da metáfora na *Retórica* e na *Poética* desse filósofo, propõe-se como um passo nessa direção.

Referências

ANDREWS, R. **A Theory of Contemporary Rhetoric**. New York: Routledge, 2014.

ANAGNOSTOPOULOS, G. Aristotle's Life. In: ANAGNOSTOPOULOS, G. (ed.) **A Companion to Aristotle**. Malden: Wiley-Blackwell, 2009, pp. 3-13.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica.** (Introdução de Roberto de Oliveira Brandão e tradução de Jaime Bruna). São Paulo: Cultrix, 2005.

ARISTOTELES. **Ars Rhetorica.** (edited by W.D. Ross). Oxford: Clarendon, 1964.

ARISTOTLE. **On Rhetoric: A Theory of Civic Discourse.** (tradução de G. A. Kennedy). Oxford: Oxford University, 2007.

ARISTOTELES. **Opera I.** Vol. II. Bekker (ed.). Berlin: Reimer, 1831.

ARISTÓTELES. **Retórica.** (Tradução e notas de Edson Bini). São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica.** (Prefácio e Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

ARISTOTELES. **Rhetorik.** (tradução de G. Krapinger). Stuttgart: Phillip Reclam, 1999.

ARISTOTLE. **Poetics.** (Translated by Stephen Halliwell). Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1995.

ARISTÓTELES. **Poética.** (tradução de P. Pinheiro). São Paulo: Editora 34, 2015.

BARNES, J. Life and Work. In: BARNES, J. (ed.). **The Cambridge Companion to Aristotle.** Cambridge: Cambridge University, 1999, pp. 1-26.

BARNES, J. Rhetoric and poetics. In: BARNES, J. (ed.). **The Cambridge Companion to Aristotle.** Cambridge University Press, 1995.

BARTHES, R. A Retórica Antiga. In: COHEN, J. (et alii). **Pesquisas de Retórica.** (Tradução de Leda Pinto Máira Iruzun). Petrópolis: Vozes: 1975.

BRANDÃO, R. O. Três momentos da Poética Antiga. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica.** (Introdução de Roberto de Oliveira Brandão e tradução de Jaime Bruna). São Paulo: Cultrix, 2005.

DANGEL, J. Rhétorique et poésie à Rome (Art e parole). **Helmantica**, tomo 50, nº151-153, pp. 185-208, 1999.

EZZAHER, L. E (ed.). **Three Arabic Treatises on Aristotle's Rhetoric:**

The Commentaries of al-Farabi, Avicenna and Averroes. Carbondale: Southern Illinois University, 2015.

FREDE, M. Stoic vs. Aristotelian Syllogistic. **Essays in Ancient Philosophy**, pp. 99-124, 1987.

GRENDLER, P. F. **The Universities of the Italian Renaissance.** Baltimore: John Hopkins University, 2002.

HALLIWELL, S. Introduction. In: ARISTOTLE. **Poetics.** (Translated by Stephen Halliwell). Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1995.

HOBBS, T. **A Brief of the Art of Rhetorique.** London: Cotes, 1637.

MACMAHON, A. P. On the Second Book of Aristotle's Poetics and the Source of Theophrastus' Definition of Tragedy. **HSPH** 28, pp. 1-46, 1917.

PREUS, A. **Historical Dictionary of Ancient Greek Philosophy.** London: Rowman & Littlefield, 2015.

STEEL, C. Roman Oratory. **Greece & Rome. New surveys in the Classics**, nº36, Cambridge University Press, 2006.

Notas

³ No presente artigo citamos as referidas obras por seus títulos e abreviações em português. *Retórica*, pois, corresponde à *Rhetorica* em latim (e *Peri rhētorikēs* em grego), e é abreviada pela sigla “*Rh.*” *Poética*, em português, refere-se ao título latino *Poetica* (*Peri poiētikēs*) e se encontra aqui abreviado por *Po.* em suas respectivas citações.

⁴ Ainda que concordemos com Barnes (1999, p. xxi) quanto ao fato do compêndio elaborado por Immanuel Bekker (1831) já há algum tempo não oferecer a edição mais completa do *Corpus Aristotelicum*, optamos, visando maior clareza e acessibilidade no trato das fontes, por seguir o padrão de citação em uso corrente.

⁵ Para um panorama dos estudos retóricos, cf. Barthes, R. (1975, pp. 148-151).

⁶ Cf. nota *supra*.

⁷ Cf., apenas a guisa de exemplo, o tratado do filósofo persa Al-Farabi sobre conceitos expostos na *Retórica* de Aristóteles (*Kitab al-Khatabah*, ca. sécs. IX-X), a sequência de cursos sobre esse mesmo texto aristotélico ministrados por Antonio Riccobono na Universidade de Pádua, de 1571 a 1576, e publicação da obra de Thomas Hobbes sobre a retórica aristotélica no ano de 1637 (*A Briefe on the Art of the Rhetorique*).

⁸ Por “esotéricos” entendem-se os escritos Aristotélicos de temática mais densa, possivelmente direcionados aos alunos regulares do Liceu, assim classificados em contraste às obras “exotéricas”, hoje em grande parte perdidas, porém originalmente destinadas ao público leigo. Cf., a esse respeito, Barnes (1999, p. 12).

⁹ Cf. Anagnostopoulos (2009), p.9.

¹⁰ —στω δὲ ! ἄητορικτ δύναμις περν καστον τοᾶ θεωρᾶσαι τχ νδεχόμενον πιθανόν. As passagens em grego apresentadas no presente estudo provêm do texto editado por W. Ross (1964), que propõe soluções críticas a trechos pouco claros da versão compilada por I. Bekker (1831). As traduções aqui oferecidas, exceto onde de indicado o contrário, são de nossa própria autoria.

¹¹ Olimpíodoro, *In Platonis Gorgiam commentaria*, 12,1.

¹² “Enfim, a persuasão é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta.” (*Rh.* I, 2, 1356a). Para uma discussão sobre “verdade” e “verossimilhança” na *Retórica* de Aristóteles cf. por exemplo, I, 1, 1355a.

¹³ Sobre isso cf. Barnes (1995, p.261).

¹⁴ “A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito” (*Rh.* I, 2, 1356a). Há de se dizer que todos os excertos da *Retórica* de Aristóteles aqui transcritos foram retirados da edição sob curadoria de Bini (2011).

¹⁵ “Por outro lado, a persuasão pode ser obtida através dos ouvintes quando o discurso afeta suas emoções; com efeito, os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia ou júbilo, amizade ou hostilidade.” (*Rh.* I, 2, 1356a).

¹⁶ Andrews considera os entimemas “argumentos micro-lógicos” (Andrews 2014, p.14).

¹⁷ περν μν οVν τᾶς δυνάμεως αPτόν, καν πῶς —χουσι πρχς λλήλας, ε4ρηται σχεδχν I κανῶς: τὸν δρ διρ τοᾶ δεικνύναι “ φαίνεσθαι δεικνύναι, καθάπερ καν ν τοῶς διαλεκτικοῶς τχ μν παγωγή στιν, τχ δρ συλλογισμός, τχ δρ φαινόμενος συλλογισμός, καν νταᾶθα Αμοίως: —στιν γρ τχ μν παράδειγμα παγωγή, τχ δ/2νθύμημα συλλογισμός, τχ δρ φαινόμενον νθύμημα φαινόμενος συλλογισμός. καλῶ δ/2νθύμημα μν ἄητορικχν συλλογισμὸν, παράδειγμα δρ παγωγν ἄητορικήν. πάντες δρ τρς πίστεις ποιοᾶνται διρ τοᾶ δεικνύναι “ παραδείγματα λέγοντες “ νθυμήματα, καν παρρ ταᾶτα οPδέν.

¹⁸ Com “contraparte” retomamos as palavras de Aristóteles: “A retórica é a contraparte (*antistrophos*) da dialética” (*Rh.* I, 1, 1354a; grifos nossos). Através dessa afirmação, bem como de outras que se seguem no mesmo capítulo, o filósofo nos descreve que a dialética e a retórica compartilham elementos – tais quais, por exemplo, a discussão e sustentação de teses – e que, portanto, se assemelham e se complementam em variados aspectos.

Cf. “Está claro, portanto, que a retórica não pertence a um único e limitado gênero, mas que é como a dialética e, além disso, também é útil. (*Rh.* I, 1, 1355b).

¹⁹ Cf. o tradicional exemplo, constante já em Sexto Empírico (*Hipotiposes Pirrônicas* 2.195): “Socrates é um ser humano”; “todos os humanos são animais”; consequentemente, “Sócrates é um animal”.

²⁰ Preus, A. (2015, p. 371). Para os propósitos e escopo do presente artigo, denominamos “silogismo” aquilo que, em linguagem técnica, classifica-se como um “silogismo categórico”, em contraste à silogística proposicional da filosofia estoica, contemporânea à aristotélica. Para maiores detalhes sobre essa noção, cf. M. Frede (1987).

²¹ τίς δ/2στιν διαφορρ παραδείματος καν νθυμήματος, φανερχν κ τὸν Τοπικὸν (κεῶ γρ περν συλλογισμοᾶ καν παγωγᾶς ε4ρηται πρότερον), Ετι τχ μν πν πολλὸν καν Αμοίων δείκνυσθαι Ετι οUτως —χει κεῶ μν παγωγή στιν νταᾶθα δρ παράδειγμα, τχ δρ

τινὸν Δντων τερόν τι διρ ταατα συμβαίνειν παρρ ταατα τ⁺ ταατα εβναι “ καθόλου “ ας πν τχ πολζ κεῶ μν συλλογισμχς ντααθα διρ νθύμημα καλεῖται.

²² πεν διρ φανερόν στιν Ετι ! μν —ντεχνος μέθοδος περν τρς πίστεις στίν, ! διρ πίστις πόδειξις τις (τότε γρρ πιστεύομεν μάλιστα Εταν ποδεδεῖσθαι Ἐπολάβωμεν), —στι δ^{1/2}πόδειξις ἀητορικτ νθύμημα, καν —στι τοατο ας εῶπεῖν πλὸς κυριώτατον τὸν πίστεων, τχ δ^{1/2}νθύμημα συλλογισμός τις, περν διρ συλλογισμοα Αμοίως παντος τἘς διαλεκτικἘς στιν ὀδεῖν, “ αΡτἘς Ἐλης “ μέρους τινός, δἘλον Ετι Α μάλιστα τοατο δυνάμενος θεωρεῖν, κ τίνων καν πὸς γίνεται συλλογισμός, οἴωτος καν νθυμηματικχς ν ε4η μάλιστα

²³ Os “lugares comuns” (*topoi*), cabe ressaltar, são tema central de uma outra obra aristotélica, nomeadamente, os *Tópicos*.

²⁴ νδέχεται διρ συλλογίζεσθαι καν συνάγειν τρ μν κ συλλελογισμένων πρότερον, τρ δ^{1/2} ξ συλλογίστων μέν, δεομένων διρ συλλογισμοα διρ τχ μτ εβναι —νδοξα, νάγκη διρ τούτων τχ μν μτ εβναι εΡεπακολούθητον διρ τχ μἘκος ὕΑ γρρ κριτις Ἐπόκειται εβναι πλοαες ὕ, τρ διρ μτ πιθανρ διρ τχ μτ ξ Αμολογουμένων εβναι μηδ^{1/2} νδόξων, εστ^{1/2} ναγκαῖον τό τε νθύμημα εβναι καν τχ παράδειγμα περί τε τὸν νδεχομένων ας τρ πολλρ —χειν λλωε, τχ μν παράδειγμα παγωγν τχ δ^{1/2} νθύμημα συλλογισμόν, καν ξ @λίγων τε καν πολλακίς λαττόνων “ ξ γν Α πρότος συλλογισμός: ρν γρρ – τι τούτων γνώριμον, οΡδρ δεῖ λέγειν: αΡτχς γρρ τοατο προστίθησιν Α κροατής, ο7ον Ετι Δωριεζς στεφανίτην γὸνα νενίκηκεν: Ι κανκν γρρ εῶπεῖν Ετι Ηλύμπια νενίκηκεν, τχ δ^{1/2} Ετι στεφανίτης τρ Ηλύμπια οΡδρ δεῖ προσθεῖναι: γιγνώσκουσι γρρ πάντες.

²⁵ Cf. Barnes (1995, p. 264-265).

²⁶ [...] τοῖς δ^{1/2}@νόμασιν, ρν —χἌ μεταφοράν, καν ταύτην μήτ^{1/2} λλοτριάν, χαλεπκν γρρ σονιδεῖν, μήτ^{1/2} πιπόλαιον, οΡδρν γρρ ποιεῖ πάσχειν. —τι εῶ πρχ @μμάτων ποιεῖ: Αρῖν γρρ δεῖ τρ πρρατόμενα μῖλλον “ μέλλοντα.

²⁷ Aristoteles define *glōttai e kyria* da seguinte maneira: “Denomino *kyrion* aquelas <palavras> de que todos fazem uso, e *glōtta* aquilo que pessoas diferentes de nós usam” (*Rh.* 1457b).

²⁸ ε4πωμεν οἴν καν διαριθμησώμεθα: ρχτ δ^{1/2}—στω !μῶν αἴτη. τχ γρρ μανθάνειν ἀ³δίως !δζ φύσει πῖσιν στί, τρ διρ @νόματα σημαίνει τι, εστε Εσα τὸν @νομάτων ποιεῖ !μῶν μάθησιν, %διστα. α Ι μν οἴν γλῶτται γνῶτες, τρ διρ κύρια 4σμεν: ! διρ μεταφορρ ποιεῖ τοατο μάλιστα: Εταν γρρ ε4πἌ τχ γἘρας καλάμην, ποιήσεν μάθησιν καν γνῶσιν διρ τοα γένους: μφω γρρ πνηθηκότα.

²⁹ Uma possível interpretação do referido exemplo seria que (a) jovens “são uma parte fundamental da (b) pátria assim como a (c) primavera” é uma parte inseparável do (d) ano.

³⁰ “Como reflexão sobre os problemas de arte em geral e em especial sobre a literatura, a *Poética* aristotélica ocupa hoje um lugar relevante. A trajetória de sua importância começa efetivamente no século XVI, pois mal conhecida durante a Idade Média, através de compilações síriacas e árabes, só em 1498 sai a público a primeira edição latina feita sobre o original grego cuja impressão aparece apenas em 1503. A partir desse momento sua influência e seu poder estimulante serão cada vez maiores.” (BRANDÃO in ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO, 2005, p. 1).

³¹ Cf. Barnes (1995, p. 273).

³² Cf. MacMahon (1917).

³³ Cf. Richard Janko, *Aristotle on Comedy* (London, 1984) apud Barnes (1995, p. 272).

³⁴ Μεταφορρ δς στιν @νυματος λλοτρwου πιφορρ “ πχ τοα γςνους πν εβδος “ πχ τοα ε4δους πν τχ γςνος “ πχ τοα ε4δους πν εβδος “ κατρ τχ νqλογον [...]Τχ διρ νqλογον λςγω,

Εταν Αμοωως —χἄ τχ δε {τερον πρχς τχ πρότον καν τχ τσταρτον πρχς τχ τρωτων‡ ρεῶ
γρρ ντν τοᾶ δευτςρου τχ τσταρτον “ ντν τοᾶ τετάρτου τχ δε {τερον. Καν νωοτε
προστίθασιν νθ½ [20] οW λςγει πρχς Ε στι. λςγω δρ ο7ον Αμοωως —χει φιαλη πρχς
Διγνυσον καν σπνς πρχς ρη‡

³⁵ Isto é, na seção 1.1 do presente artigo.

³⁶ λςξεως δρ ρετ σαφ.Ε καν μι ταπειντν εβναι. Σαφεστγη μν οVν στιν ! κ τὸν κυρωων
@νομητων, λλρ ταπεινι‡ παρδειγμα δρ ! Κλεοφόντος πωησις καν ! Σθενσλου. Σεμντ
δρ καν ξαλλγττουσα τχ οδιωτικχν ! τοῶς ξενικοῶς κεχημνη‡ ξενικχν δρ λςγω γλῶτταν
καν μεταφορρν καν πσκτασιν καν πν τχ παρρ τχ κίριον.

³⁷ “Aristóteles escreveu dois tratados sobre os fatos do discurso, porém ambos são
distintos: a *Technē rhētorikē* trata de uma arte da comunicação quotidiana e do discurso
em público; e a *Technē poiētikē* trata de uma arte da evocação imaginária. No primeiro
caso, trata-se de regular a progressão do discurso de ideia em ideia; no segundo, a
progressão da obra de imagem em imagem: ambas são, para Aristóteles, dois
encaminhamentos específicos, duas ‘*technai*’ autônomas [...]”. Cf. Barthes (1975, p.
155).

³⁸ Devido ao amplo significado adquirido pelo termo “discursivo” nos estudos da
Linguística, esclarecemos que aqui a palavra refere-se “àquilo que é relativo ao discurso
oral”.